

ATOS AUTOBIOGRÁFICOS E PRÁTICAS DECOLONIAIS EM ARTES VISUAIS

MANOELA DOS ANJOS AFONSO RODRIGUES¹

1 manoelaafonso@ufg.br

ISSN: 2175-2346

O projeto de pesquisa 'Práticas Artísticas Autobiográficas: intersecções entre prática artística, escritas de vida e decolonialidade' foi cadastrado em fevereiro de 2017 junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Seu cronograma prevê o desenvolvimento de atividades artísticas e acadêmicas até dezembro de 2021, dentre elas a realização de estudos, eventos artísticos, simpósios e publicações. Situado no campo das práticas artísticas contemporâneas e ancorado na política do lugar, o projeto congrega um grupo de artistas, estudantes, professoras/es e pesquisadoras/es que passaram a compor o Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA), cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. O grupo busca investigar, debater e praticar atos autobiográficos por meio de articulações diversas com os estudos decoloniais. Ao propor arranjos complexos entre autobiografia, escritas de vida, decolonialidade e as artes, o grupo busca ativar lugares de enunciação que possam trazer indagações identitárias à luz de uma consciência imigrante para, assim, criar condições de confronto ao colonialismo interno (RIVERA CUSICANQUI, 2015) e de desligamento da colonialidade do ser, do saber e do sentir (MIGNOLO, 2014 e 2011).

De acordo com Mignolo (2014 e 2011), a decolonialidade se refere às atitudes, projetos, objetivos e esforços empregados na desconexão ou desligamento (delink) do projeto eurocêntrico de modernidade. Com base no pensamento de Anibal Quijano (2005), Mignolo reconhece que modernidade e colonialidade estão intimamente relacionadas, pois foi por meio da colonização e exploração de recursos naturais e humanos nas Américas que o advento da modernidade no ocidente se tornou possível e foi projetado em escala global. Durante esse processo, sujeitas e sujeitos foram violentamente subjugados, racializados e desconectados de suas próprias narrativas, coletividades e cosmogonias. Tais sujeitas e sujeitos, bem como seus descendentes, foram deslocados não só cultural e geograficamente, mas também simbolicamente por meio de representações identitárias que lhes foram impostas e que continuam a reverberar no tempo, no espaço e nas subjetividades.

Mignolo (2014 e 2011) reconhece que as macro-narrativas oriundas dos processos de colonização possuem um ponto de origem principal: a Europa ocidental. Nesta pesquisa, ao considerarmos a política do lugar, perguntamos que outros pontos de origem são possíveis para as nossas histórias e modos de ser e estar no mundo. Assim, é por meio da arte que buscamos criar estratégias de enunciação que nos auxiliem na articulação de narrativas desde outros lugares, outras práticas e perspectivas. Tomamos, então, a prática artística como metodologia de pesquisa (SULLIVAN, 2010) e procuramos nos aproximar de reflexões como as de Walter Mignolo sobre arte e decolonialidade, especialmente quando ele compreende que artistas que trabalham a partir da abordagem decolonial não desejam apenas "criar objetos bonitos, instalações, música, multimídia, ou quaisquer outros produtos, mas sim criar para descolonizar sensibilidades, transformar estética colonial em decolonial *aesthesis*" (GAZTAMBIDE-FERNÁNDEZ, 2014, p. 201, tradução nossa).

Neste projeto, consideramos que as escritas de vida podem estimular o pensamento de fronteira, pois constituem um campo interdisciplinar e relacional formado por práticas, textos e atos que demandam exercícios de autolocalização. As escritas

de vida possuem uma diversidade de gêneros não-ficcionais de produção de identidades e subjetividades, tais como o diário, memorial, correspondência, autohistoria-teoria, autobiografia, autoetnografia, testemunho, dentre outros (ANZALDÚA, 2002 e 2012; JOLLY, 2001; SMITH e WATSON, 2010). Tais gêneros nos inspiram a expandir a noção de escrita e a praticar “autobiogeografias” (RODRIGUES, 2017), ou seja, atos autobiográficos situados que abrem espaços de confronto à colonialidade e criam lugares para práticas decoloniais entre-linguagens para além das bordas disciplinares.

As intersecções entre escritas de vida e as artes, em suas diversas manifestações, podem enriquecer ambos os campos e oferecer novas formas de se produzir, perceber e enunciar histórias de vida. Moore-Gilbert (2009) destaca a importância da conexão corpo-lugar-deslocamento para os estudos literários de obras não-ficcionais sob a ótica pós-colonial¹, pois tal conexão favorece a criação de contranarrativas e a descentralização do conhecimento. Além disso, para Smith and Watson (2010), a política do lugar favorece a diversidade de saberes e traz à tona outras identidades, subjetividades, vozes, fazeres e visões de mundo, tornando as questões autobiográficas e artísticas mais complexas e transformadoras, tanto no âmbito individual quanto no coletivo.

A conexão corpo-lugar-deslocamento é crucial para o projeto de pesquisa aqui apresentado, pois é a partir dela que podemos acionar diversos posicionamentos artísticos, críticos e políticos que nos estimulam a desafiar as dinâmicas hegemônicas que atravessam não só as nossas vidas, mas também os campos de produção de saberes acadêmicos e artísticos na contemporaneidade. Rivera Cusicanqui (2015) nos inspira quando afirma que as trocas horizontais, as práticas orais e as produções visuais (ações que compõem a sua Sociologia da Imagem) podem auxiliar no reconhecimento do colonialismo interno e na descolonização das subjetividades e do conhecimento. Para a autora, tal conjunto de ações “te lleva a hacerte cargo de tu subjetividad y de tu proceso de conocimiento por medio de la percepción, la emoción, el hemisferio izquierdo subalternizado por nuestro entrenamiento racional” (RIVERA CUSICANQUI, 2015, p. 311). Portanto, é por meio dos atos autobiográficos tomados como prática decolonial – nas artes, na academia e no viver – que buscamos articular processos individuais e coletivos de auto/conhecimento ativados pela percepção de nossa consciência imigrante, dos sentires dos nossos corpos e dos saberes produzidos pelas nossas emoções.

As imagens a seguir formam um pequeno recorte das pesquisas desenvolvidas por sete artistas que ingressaram no projeto logo no primeiro ano de sua execução, em 2017. Manuela Costa (Figura 1) está interessada em abordagens fenomenológicas e na re/conexão entre corpo, razão, emoção e espiritualidade. A artista busca engendrar ajustes perceptivos que a auxiliam na articulação de uma ‘poética do adentrar’. Então, a partir de exercícios de ‘olhar para dentro’, Manuela acessa lugares imateriais

1 Em nosso grupo de pesquisa, tecemos relações mais aprofundadas com a decolonialidade do que com os estudos pós-coloniais. Para além das diferenças epistemológicas, existem diferenças geográficas entre ambos os campos. Os estudos pós-coloniais são resultado do esforço teórico e acadêmico de estudiosos e estudiosas provenientes principalmente do Sul da Ásia e do Oriente Médio, com foco na problematização das relações imperiais estabelecidas pela Europa ocidental com tais regiões nos séculos XIX e XX. Já a decolonialidade nasceu na América do Sul e se propõe a compreender os processos de colonização, suas consequências e reverberações desde um ponto de origem ligado às invasões das Américas por países europeus a partir do século XV (Bhambra, 2014, tradução nossa).

que se originam nos sonhos e na memória, ao mesmo tempo em que mergulha no que ela chama de 'mar de dentro'. Cristiane Alves (Figura 2) também trabalha a partir de perspectivas fenomenológicas e aquosas. As escritas de si, principalmente as cartas e os diários, funcionam como ativadores dos 'universos fecundos da água', onde lama, consistência, umidade e resistência terrosa estimulam o 'devir do aumento de si'. Assim, energias latentes do feminino são liberadas e entram em expansão, desafiando estruturas patriarcais ao mesmo tempo em que produzem modos de cura para as feridas abertas pelos sistemas de opressão e dominação que são heranças dos processos de colonização. Anna Behatriz (Figura 3), por sua vez, revolve as camadas densas, obscuras e profundas de um solo que é complexo, vivo, poético e autobiográfico. Tal solo é ambíguo, pois ao mesmo tempo em que nutre, decompõe; é fonte de vida, re/elaboração, morte e renascimento. Rhyanne Lima (Figura 4) cria lugares de enunciação por meio da produção de auto/retratos que nascem não apenas do ato de fotografar, mas também do questionamento da fotografia como instrumento de perpetuação de visões e narrativas coloniais, patriarcais e racistas. Por isso, neste trabalho, a artista agrega ao ato fotográfico as ações de rasgar e rasgar-se, recompor e recompor-se como formas de re/aproximação de si. O Coletivo Bunker (Figura 5) investiga, principalmente por meio da performance, os processos de construção de relações humanas na contemporaneidade. Os artistas buscam explorar ambivalências e antagonismos presentes nas relações de afeto e cumplicidade e, para isso, utilizam a metáfora do envelhecimento. Já o artista Rastro (Figura 6) se inspira em abordagens decoloniais para repensar as relações entre arte e ciência e propor outras formas de perceber o sujeito autobiográfico a partir de cosmogonias diversas. Finalmente, Ana Flávia Maru (Figura 7), borda as histórias de si para lidar com o emaranhado de linhas, nós e dobras que a conectam com as histórias das outras mulheres de sua família. A artista borda, assim como sua mãe, avó e bisavó. Porém, deseja trazer à tona o que está latente do lado avesso do bordado.



Figura 1. Manuela Costa, **Lapso**. Fotografia digital, 20x30cm, 2016. Acervo da artista.



Figura 2. Cristiane Alves, **Carta de Mulheres Úmidas**. Vivência em ambiência de rio, Argilas coloridas, Fotografia digital, dimensões variáveis, 2015. Acervo da artista.

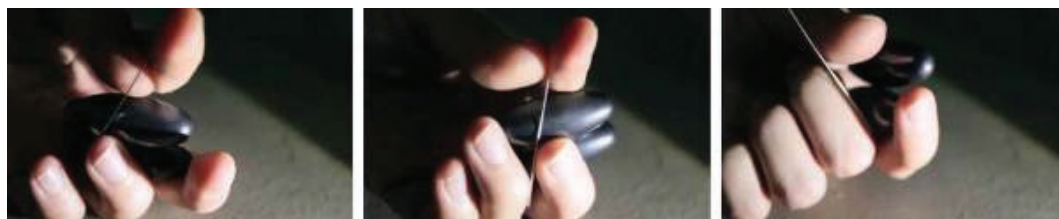


Figura 3. Anna Behatriz, **Da série: quarto de um sonho - instantes de um suicida**. Vídeo, dimensões variáveis, 2014. Acervo da artista.



Figura 4. Rhayanne Lima, **Sem Título**. Fotografia, Ato de Rasgar, Assemblagem, 21x15cm, 2017. Acervo da artista.



Figura 5. Coletivo Bunker, **Fluidos Afagos**. Série fotográfica em coautoria com Heloá Fernandes, 85x120cm, 2012. Acervo do coletivo.



Figura 6. Rastro [Matheus Meireles], **Artista estudando seu próprio sangue**. Fotoperformance, dimensões variáveis, 2018. Acervo do artista.



Figura 7. Ana Flávia Marú, **Sento, sento, sento, sento e quico devagar**, da série "Foda-se ILTDA". Fotoperformance, dimensões variáveis, 2017. Acervo da artista.

Referências bibliográficas

ANZALDÚA, G. **Borderlands, La Frontera: the new mestiza**. 4ª ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ANZALDÚA, G.; KEATING, A. **This bridge we call home: radical visions for transformation**. New York: Routledge, 2002, pp. 540-579.

BHAMBRA, G. K. Postcolonial and decolonial dialogues, In: **Postcolonial Studies**, 17(2), 2014, pp. 115-121.

GAZTAMBIDE-FERNÁNDEZ, R. Decolonial options and artistic/aesthetic entanglements: an interview with Walter D. Mignolo, In: **Decolonization: Indigeneity, Education & Society**, 3(1), 2014, pp. 196-212.

JOLLY, M. **Encyclopedia of life writing: autobiographical and biographical forms**. United Kingdom: Routledge, 2001.

MIGNOLO, W. **Epistemic disobedience and the decolonial option: a manifesto**, In: **Transmodernity**, 1(2), 2011, pp. 44-66.

_____. Further thoughts on (De)Coloniality, In: Broeck, S.; Junker, C. (eds.) **Postcoloniality-Decoloniality-Black Critique: joints and fissures**, New York: Campus Verlag, 2014, pp. 21-51.

MOORE-GILBERT, B. **Postcolonial life-writing: culture, politics, and self-representation**. London: Routledge, 2009.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, pp. 117-142.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Sociología de la imagen: ensayos**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

RODRIGUES, M. A. A. Autobiogeografia como metodologia decolonial, In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 26, Memórias e Invenções, 2017, Campinas. **Anais [...]** Campinas: ANPAP/Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.3148-3163.

SMITH, S.; WATSON, J. **Reading autobiography: a guide for interpreting life narratives**, 2ª ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

SULLIVAN, G. **Art practice as research: inquiry in visual arts**. 2ª ed. London: Sage, 2010.